
O reencantamento do mundo: existências e persistências após o desencanto¹

Marcus Vinicius Pereira²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Este artigo trata de uma reflexão desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica, com diálogos entre obras de autores como Marx, Mbembe, mas também com as músicas de Gilberto Gil e Nelson Cavaquinho, passando pela série de filmes Matrix, a fim de elaborar sobre a dinâmica de interação entre sociedade, algoritmos e desinformação, esta pensada sob a perspectiva de desencanto, de Weber. O trabalho articula uma contraproposta à noção de desencanto, assumindo que este momento se esgota e um novo ciclo de encanto se inicia, o reencanto do mundo, que por sua vez abre duas possibilidades, o fim ou uma nova forma de viver.

Palavras-chave: Comunicação antirracista; Hierarquias raciais; Mídia e população negra; Teologia Negra; Desinformação.

INTRODUÇÃO

Quero aqui brincar com a ideia de desencantamento do mundo, de Max Weber. Segundo o sociólogo alemão, o mundo encantado, dos mitos de criação, das magias e outras formas ocultas que davam sentido à vida, foram deslocados para um plano de racionalidade e uma forma de ser e estar que não dão margens a dimensões de existência e salvação fora da ciência, tecnologia e Deus, um único deus salvador. Neste desencantar, o mundo foi ordenado, organizado, metodizado, sistematizado, dando coerência à vida (Weber, 2007).

A proposta também é dialogar com Marx e, conforme seu modelo analítico, a abstração do sentido de mercadoria (Marx, 1996), tendo essa abstração, no entendimento do que é proposto a seguir, alcançado não só aquilo que pode ser produzido, mas a própria existência. Neste caso, existir é estar em vida enquanto produção e produto.

Uma terceira dimensão é explorar aquilo que o filósofo camaronês Achille Mbembe aponta, em *Crítica da Razão Negra*, como um momento da história em que o

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Sociologia do PPGSOL-UNB, email: marcusvinicius85@gmail.com.

“capitalismo e o animismo (...) tendem finalmente a se unir” (Mbembe, 2018, p,17). Articulando essa ideia com a de Weber e Marx, denomino esse momento de reencantamento do mundo, a etapa seguinte ao desencantar e talvez, um vaivém cíclico de encantos e desencantos ao qual a sociedade ocidental pode estar sujeita.

A proposta do artigo é promover um diálogo entre essas teorias para discutir a dinâmica de interação entre sociedade, algoritmos e desinformação.

DESENVOLVIMENTO

A alma enquanto mercadoria, o corpo desencantado

Na interação entre pessoas e dispositivos eletrônicos, todas as informações que possam ser extraídas pelas máquinas são coletadas tornando-se números que, trabalhados por meio de algoritmos baseados em modelos analíticos matemáticos e estatísticos, explicam e racionalizam o comportamento humano.

Na lógica do capital, a própria humanidade acabou por se tornar a mercadoria. A quantidade de visitas em uma página na internet, o gênero musical ou de filmes favoritos, a quantidade de passos dados ou lances de escadas subidos, os valores de compras em restaurantes e mercados, os temas habituais da conversa com a família, o horário padrão de dormir e acordar, o trajeto entre casa, trabalho e escola, todos os parâmetros da vida cotidiana são metrificados a fim de responder a uma questão chave para o capitalismo: em qual prateleira esta alma se encaixa?

Sem conseguir lidar com a quantidade de informações do mundo e de si próprio que as máquinas coletam, o indivíduo agora se dissocia de si mesmo para entender sobre seus gostos, paixões e interesses não a partir de sua dinâmica de interação com o mundo, mas sim de como os algoritmos o classificam e aquilo que recomendam. Neste sentido, a experiência se torna modulada e, como se estivesse marcado por um signo astrológico, esta alma segue passos que são determinados a ela porque seu comportamento, seu ser, tem compatibilidade com o de outros seres com pensamentos, desejos e prazeres similares.

Os estímulos, os afetos, já não se dão mais pelo contato físico, pelas trocas, conversas feitas em espaços como cafés, salas, mesas na cozinha, corpo a corpo. Em meio a estes fluxos e fluídos corporais, antes em comunidade, agora em espaços individualizados, as reações químicas de prazer, dor e angústia são moduladas por notificações que correspondem a categorias virtuais de interação e emoção, como gostar, curtir, amar, compartilhar, fazer e aceitar novas amizades, trocar mensagens, ou mesmo o gozo por meio de trocas de mensagem de texto ou ligações de vídeo.

Inundado com o volume de informações, todas elas parecendo ao mesmo tempo muito importantes e ao final desnecessárias para a sua existência, essa alma capturada pelas máquinas terceiriza a curadoria da sua vida. Então os algoritmos passam a recomendar o que ela deve vestir, o que comer, o que falar, o que assistir, o que comer, para onde e como ir.

Retirado de sua própria essência, tendo sua vida orientada pelas máquinas, para esta alma o real já não faz mais sentido. As notícias podem ser verdadeiras ou falsas, tanto importa, desde que, diante daquilo que é coerente para a sequência de eventos que lhe são apresentados algorítmicamente por meio das telas de seus dispositivos, os acontecimentos sejam verossímeis para este sujeito conforme a sua compreensão da realidade.

Então este corpo, tendo sua alma sido extraída e cooptada como mercadoria pelo capital, torna-se um conjunto de células que existe na natureza de forma escanteada, existindo no espaço sem ser, sentir, apenas estando, com as reações hormonais desse corpo acontecendo somente ou na maioria das vezes no plano das abstrações mentais.

Esvaziada da sua alma tornada mercadoria, esse corpo, destituído de vida, sendo ele descartável e prescindível, é encantado, pois já não está mais na dimensão da racionalidade das coisas que realmente importam – sendo que o que importa está fora da natureza e sim em um simulacro, em ambientes virtuais.

A desinformação como desencanto

A desinformação, da forma como trabalho aqui, compreende duas formatações: a algorítmica e a midiática. No primeiro caso, ela é resultado da coleta de dados dos usuários de sites e aplicativos de grandes empresas de tecnologia, que inferem

estatisticamente os gostos, crenças e desejos do público que navega pelos seus conteúdos e os de terceiros e, assim, promovem uma série de filtros de conteúdo.

A segunda tem a ver com a ideologia da comunicação dos grupos midiáticos e de pessoas ou organizações que emulam a forma de agir e pensar desses grupos. Como observa o jornalista e sociólogo Ignacio Ramonet, há um rebaixamento da qualidade da informação a partir do apelo mercadológico inserido nas notícias ante a função social de esclarecer o público (RAMONET, 2007), por meio de um fenômeno que ele caracteriza como mimetismo midiático, quando uma mídia de referência impõe uma temática sobre todas as outras, e todas essas mídias se superexcitam sobre o tema, fazendo acreditar na centralidade do assunto imposto.

Podemos pensar legitimamente que ela é uma construção maior e mais complexa do que as duas formatações aqui recortadas. Pensar a condição negra na modernidade, no Brasil e na sociedade ocidental, e as próprias noções de raça é, de certa maneira, pensar a desinformação para além das formatações midiáticas e algorítmicas. Quero dizer que a própria maneira de racionalização da vida do mundo desencantado (WEBER, 2007) prescindia de esquemas de organização das pessoas que trabalham no sistema capitalista moderno, a fim de separar quem é (europeu) de quem não é (não europeu) humano. E esse esquema – desinformativo – contemplava a separação da humanidade em diferentes tipos de pessoas – raças. A desinformação é, neste sentido, não uma característica isolada, mas o aspecto estruturante do sistema racial do mundo desencantado.

A partir de Achille Mbembe, observamos três grandes movimentos históricos que podem explicar a modernidade, momentos que, inclusive, se sobrepuseram. Dos séculos 15 ao 19, a “espoliação organizada” por europeus de africanas e africanos, sequestrados, escravizados e transformados em mercadoria (MBEMBE, 2018). O segundo, a partir do século 18, está relacionado a constituição de linguagens e estatutos por essas pessoas escravizadas, que acabaram por articular movimentos de revolta, independência, descolonização e lutas antirracistas (IBID, 2018).

O último e atual momento, iniciado no século 21, é caracterizado “tanto pela produção da indiferença, a paranoica codificação da vida social em normas, categorias e números, quanto por diversas operações de abstração que pretendem racionalizar o

mundo a partir de lógicas empresariais” (MBEMBE, 2018, p. 15). Este é o momento em que o indivíduo se torna coisa ou fluxo, e a condição da pessoa negra é universalizada a todos os indivíduos espoliados, em um mundo onde as fronteiras do real e da ficção então em constante transformação a partir da produção de imagens. Este é, de acordo com o esquema de Mbembe, o “devir-negro do mundo” (IBID, p.20).

A razão negra, para o filósofo camaronês, é a composição de imagens a respeito do negro e da raça, ou do outro, sob a ótica daquele que fora espoliador, depois colonizador e agora empresário neoliberal. Esse sistema é constituído por narrativas e discursos que, não necessariamente – ou certamente não – se baseiam na verdade – desinformação –, mas justamente numa fábula de animalização do outro.

Quero, agora, explorar os múltiplos sentidos de animismo. Para Mbembe, o animismo está relacionado com as fabulações e refabulações a respeito do negro enquanto o outro, mas, ainda, diz respeito à virtualização das relações a partir da codificação e coisificação da vida. Para além, pode ser interpretado como uma volta à magia, dada a partir do século 20.

Ocorre que o mundo desencantado não renuncia ao tempo do espoliado. A imprensa e depois a curadoria algorítmica, de acordo com o que proponho neste trabalho, surgem para organizar a informação, mais do que para informar. Ou seja, o aspecto central que fundamenta o desenvolvimento e uso dessas tecnologias está menos na sua função social – que obviamente está em disputa – e sim no seu sentido organizador, esquemático, metódico do mundo desencantado. São exemplos de tecnologias que atendem aos propósitos dos donos do poder para os próprios donos do poder contra seus espoliados, a fim de obter ganhos em termos de tempo e lucro.

Uma vez que a imprensa, em seus diversos suportes midiáticos, perdeu seu poder com o advento da internet, mais precisamente da World Wide Web, era necessário sobrepor a tecnologia ultrapassada com a nova, daí a necessidade da curadoria algorítmica. Com o esquema organizador da mídia e dos algoritmos atuando em conjunto, a superabundância de informações produzida na sociedade ocidental moderna foi canalizada e concentrada, de forma que diferentes grupos de pessoas passam a ter acesso a diferentes fluxos de informação, que não se conversam.

O que se observa agora, com a junção da desinformação algorítmica e midiática, é que o debate público foi inundado por lugares comuns, sensacionalismo, a defesa do justicamento, a pulsão por morte, o discurso de ódio, qualquer coisa que seja capaz de gerar nas pessoas algum tipo de emoção violenta além de cliques, ainda que diferentes grupos de pessoas reajam de formas diversas a esses sentidos e emoções. Um ambiente perfeito para a concentração de diferentes ideologias em bolhas, que não se cruzam mais, reforçando assim visões fundamentalistas ou mesmo extremistas.

A desinformação mobiliza moralmente a sociedade, colocando o debate público sob um viés maniqueísta onde o que importa não é a afinidade ideológica com um programa político, mas se as pessoas alinhadas a determinadas correntes agem de acordo com preceitos fundamentados em uma suposta ética cristã.

Reside nesse ponto a forma de ecoar discursos fundamentalistas, seja os propriamente ditos por lideranças fundamentalistas, sejam aqueles discursos e condutas que estão alinhados a essa forma de pensar a vida e justificam a violência de Estado como chacinas policiais – porque os assassinados eram “bandidos”, por exemplo.

A alienação e o limite do desencanto

A sociedade ocidental, ao mesmo tempo em que aumenta seu arcabouço científico de explicação do mundo e de problematização da vida, é cada vez menos capaz de entender os efeitos subjacentes de suas produções e elaborações. Já há entendimento de que a ação humana influenciou de tal maneira o ecossistema da Terra que podemos denominar o tempo em que vivemos como Antropoceno, ou seja, uma era geológica cujo clima é influenciado pela espécie humana, ou, mais precisamente, por homens brancos (Danowski, Castro, 2014).

Mas, para além disso, são poucas as pessoas capazes de interpretar fenômenos da natureza, como as maiores e menores coisas do universo operam, ou até mesmo os pressupostos mais básicos. A Teoria da Relatividade, de Einstein, ou as formulações teóricas de Marx a respeito do capitalismo, são incompreensíveis intelectualmente para muitos. Assim como também o são o mecanismo de funcionamento de um celular, ou como construir chapas de metal, tábuas de madeira, a maneira correta de martelar um prego, produzir fogo ou até mesmo fritar um ovo. A ignorância sobre os conhecimentos

complexos ou básicos é fruto de uma realidade onde o indivíduo é alienado, mais a mais, de sua própria produção, e a de outros também.

À medida que esse conhecimento científico acumulado se complexifica e novas tecnologias são inventadas, as equações algorítmicas e os saberes da média da população em geral se distanciam. E esse distanciamento cresce de forma exponencial de tal forma que, intelectualmente incapaz de entender como e por que as coisas – natureza e tecnologias – funcionam e porque realiza as funções mais básicas de sua vida cotidiana, a compreensão mais elevada do mundo torna-se tão indecifrável a ponto de que caberá à sociedade ocidental recorrer novamente aos seus antigos deuses, magias, bruxas e mitos de criação. O desencantamento, então, dá lugar ao reencantamento, e novamente há um deslocamento de sentidos para se explicar a vida e o mundo.

Dimensões existenciais de encanto e reencanto

Talvez a melhor representação, a elaboração audiovisual de mundo reencantado da forma como proponho, seja a série Matrix. Composta por quatro filmes e a minissérie Animatrix, a obra é dirigida e roteirizada pelas irmãs Lily e Lana Wachowski, narrando a jornada de herói do personagem Neo, um programador que descobre que o mundo em que vive é um simulacro criado e operado por máquinas e programas de computador.

As máquinas substituíram a humanidade no controle da Terra, exercendo suas atividades para garantir a sua própria continuidade e subsistência. A humanidade, nesta distopia, vive em sono induzido neste simulacro, enquanto na realidade física seus corpos se transformaram em baterias para as próprias máquinas.

Entre aqueles que conseguiram acordar do sono induzido, é fundada uma cidade que reúne indivíduos que almejam a libertação, mas precisam viver escondidos no subterrâneo para não serem capturados por elas. A cidade de Zion é o refúgio desses corpos insones, mas presos a uma realidade fria, insípida e sufocante, ao ponto de, entre eles, alguns preferirem voltar ao sono em simulacro.

O mundo criado por esses programas dá nome à série de filmes, é a Matrix. Nesta realidade alternativa, os humanos despertos podem voltar à simulação hackeando a entrada e a saída dessa dimensão. Ao invadirem o simulacro, as habilidades e capacidades

humanas não respeitam mais a física e química da realidade física, sendo seus corpos na Matrix capazes de aprender artes marciais com a simples introdução, no ambiente virtual, de programas capazes de emular este conhecimento. Por meio desses programas, o herói Neo torna-se hábil e capaz de enfrentar tanto os programas de computador que ordenam e organizam a Matrix, quanto as máquinas que controlam a realidade física.

Há duas figuras interessantes, do ponto de vista da reflexão aqui proposta, programas de computador que contribuem para a compreensão das dimensões físicas e algorítmicas que perpassam as existências de humanos e máquinas: Arquiteto e Oráculo (Matrix Reloaded, 2003). Arquiteto, representado por um homem branco, é a alegoria da racionalidade técnica, a perfeição matemática e estatística, onde tudo pode ser quantificado, calculado e explicado. Oráculo, por sua vez, é uma mulher negra, representa a intuição, as subjetividades, aquilo que escapa à materialidade. Ambos têm uma compreensão do tempo passado, presente e futuro. O Arquiteto por meio da razão. Oráculo, baseada na fé.

É confiando sempre nas orientações e previsões de Oráculo que os humanos despertados, rebelados contra as máquinas, acreditam em sua insurreição e vitória. E é por meio dessa fé que encontram o seu herói, Neo. A fé é um paradigma importante para a construção da jornada daquelas pessoas, do ponto de vista tecnológico, como superação da realidade, porque racionalmente não seria possível se levantar e enfrentar as máquinas. Com a razão, a derrota é certa, mas com a fé, ainda há possibilidade de existência porque a vitória, nesses termos, não é passível de ser calculada, quantificada.

O cérebro eletrônico, o juízo final e a persistência

Gilberto Gil lança em, 1969, a canção Cérebro Eletrônico (Gil, 1969), em álbum homônimo. A composição é criada por Gil em momento quando ele vivia em exílio, por conta da ditadura militar no Brasil. No ano de criação da música, não se fazia ainda ideia do que viria a acontecer mais de 40 anos depois em termos de evolução tecnológica das máquinas de contar. Computadores, depois celulares e agora qualquer dispositivo conectado e rede da internet podem ser capazes de ler, interpretar, codificar e dar sentido à vida humana. Neste momento, matematicamente e estatisticamente, um dispositivo

conectado é mais habilitado a explicar os comportamentos de uma pessoa do que ela própria.

Em um mundo que opera segunda a lógica da função, produção e utilidade, sendo esta pessoa incapaz de explicar a si mesma, qual o seu sentido de existência? Gilberto Gil reflete sobre uma possibilidade, para além das operações matemáticas. A dos sentidos, sentir numa dimensão emocional e corporal, não como explicação racional.

Sentir, para Gil, é uma forma de existir para além dos limites impostos pelo cérebro eletrônico, que manda e desmanda, mas é incapaz de sentir, chorar, decididamente viver e, por isso mesmo, morrer. Ao cérebro eletrônico, sem vida e sem morte, não há sentido, como proposto por Gil, o que torna a sua existência incompleta, insuficiente. Ao cérebro eletrônico falta um propósito o que a tornará, mais cedo ou mais tarde, obsoleta e desnecessária até para si mesma. Ao fim e aos fins, persistindo as coisas como estão, só fará sentido o sentir, e nada mais.

Também articulando com a ideia de fim e fins, Nelson Cavaquinho e Élcio Soares descomplexificam a realidade em duas dimensões da vida: a do bem e a do mal, que aqui traduzo para o bem viver e o mal viver. De referências bíblicas, a canção Juízo Final (Cavaquinho, Soares, 1973) traça um momento apocalíptico, onde somente restará a redenção, porque uma vez que o mal viver se esgota e se completa, tal qual uma estrela que esgota seu combustível, não resta espaço para nada além do bem viver, uma nova estrela a se expandir e brilhar.

Assim, novamente, na persistência das coisas como estão, uma fase de esperanças renovadas se inicia, onde o sol brilhará mais uma vez e a luz chegará ao coração, ou alma, das pessoas. Não é certo que durará para sempre e novamente pode-se imaginar ciclos, uma vez que sempre haverá um sol para brilhar mais uma vez.

CONCLUSÃO

Na encruzilhada do mundo, há dois caminhos de reencanto possíveis, que podem ser percorridos, inclusive, ao mesmo tempo, como uma chave que abre duas fechaduras

diferentes. De um lado, podemos compreender a inutilidade da vida humana no sentido das equações algorítmicas como uma forma de encanto, com as almas partindo de seus corpos, encantando-se e tornando-se entidades metafísicas, no momento conhecido pelos mitos Yanomami como a “queda do céu” (Kopenawa, Albert, 2015).

Por outro, podemos pensar o reencanto como uma forma de superação da realidade hiper-racionalizada e dataficada, onde as subjetividades, saberes ancestrais, emoções e particularidades da alma e corpo humanos circulem pelas frestas, tal qual as figuras de Zé Pelintra e Maria Padilha, o Malandro e a Pombagira das religiões encantadas afro-brasileiras, e transitem pelo mundo traçando novas possibilidades.

É justamente no movimento de ser e estar em movimento e circulando dessas figuras que podemos pensar numa “pelintragem”, o reencanto do mundo a partir do hackeamento das próprias tecnologias de desencanto, como, por exemplo, propõe o teólogo, ativista e pastor Ronilso Pacheco sobre enegrecer a teologia e a produção de imagens da doutrina cristã (Pacheco, 2019).

Imaginar, enfim, a possibilidade de libertação de um povo alicerçada na construção de imagens, tal qual o fenômeno do qual ela é vítima, mas, diferentemente, como subversão, apoiada sobre a experiência daqueles que viveram, lutaram e escaparam da lógica da morte, trazendo a sua história como uma possibilidade de vencer em e por meio da vida.

REFERÊNCIAS

CAVAQUINHO, Nelson; SOARES, Elcio. Rio de Janeiro: Odeon, 1973.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

GIL, Gilberto. Cérebro eletrônico. Rio de Janeiro: Philips Records, 1969

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

MARX, Karl. O capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Matrix Reloaded. Lilly Wachowski, Lana Wachowski. Joel Silver. Culver City, 2003.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PACHECO, Ronilso. *Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito*. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Editora Recriar, 2019.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.